

RELATÓRIO DOS PROFESSORES RIO-GRANDENSES: IMPRESSÕES DA VIAGEM AO URUGUAI EM 1913

CAROLINE BRAGA MICHEL¹; EDUARDO ARRIADA²

¹UFPel – caroli_brga@yahoo.com.br

²UFPel – earriada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma investigação mais ampla que vem sendo realizada sobre a missão educacional enviada ao Uruguai em 1913 pela administração do governador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros. A mesma tinha o intuito de analisar os modelos escolares, métodos pedagógicos e tudo que fosse relativo ao sistema de ensino uruguaio a fim de identificar “possibilidades modernas” que efetivamente contribuíssem para a melhor estruturação do sistema educacional do Rio Grande do Sul.

Com esse objetivo a missão foi realizada em dois momentos. No primeiro, em 1913, um grupo de professores da Escola Complementar de Porto Alegre¹ permaneceu três meses em Montevideu e foi liderado por Alfredo Clemente Pinto, diretor da referida instituição. O segundo momento, em 1914, possibilitou que um grupo de seis professoras fosse aperfeiçoar seus estudos no *Instituto Normal de Señoritas*² e praticar nesse estabelecimento e na Escola de Aplicação da Capital uruguaia os métodos de ensino ali utilizados.

Cabe salientar que essa estratégia adotada pelo governo gaúcho na primeira década do século XX, era uma prática que já estava, de certa forma, consolidada significando a possibilidade de obter maior qualidade e contribuir para solucionar problemas dos contextos educacionais do Estado. Por isso, muitas vezes, essas viagens foram incentivadas e financiadas pelo poder público.

Desse modo, “copiar” os modelos vigentes nos países tidos como referência na época era compreendido como uma “prática natural” para os estados ou países que almejavam a qualificação de suas realidades educacionais já que as viagens permitiam olhares de familiaridade e estranhamento que tentavam “inspirar e legitimar mudanças” (MIGNOT; GONDRA, 2007, p.9) e “funcionavam como técnica de investigação e de conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro” (GONDRA, 2010, p.13).

As impressões e observações dos comissionados, nesse contexto, eram peças fundamentais que possibilitavam análises e comparações. Assim, registrar as viagens através da escrita foi uma das estratégias encontradas para divulgar os saberes adquiridos com os modelos observados. Independentemente do documento - livros, relatórios oficiais, cartas e artigos em jornais ou revistas -, a escrita passou a ser uma maneira de anunciar as impressões e as observações do lugar visitado a seu povo (CHAMOM; FARIA FILHO, 2007). Por essa razão, quanto mais informações e detalhes fossem descritos nos registros, mais ampliada seria a percepção sobre o outro e as possibilidades de intersecções entre os diferentes modelos.

¹ Instituição estatal responsável pela formação de professoras no Rio Grande do Sul.

² Instituição estatal responsável pela formação de professoras no Uruguai.

Considerando, portanto, a relevância desses registros é que temos como objetivo neste trabalho analisar as impressões e observações da comissão de professores rio-grandenses que viajou, sob designação das autoridades gaúchas, ao Uruguai em 1913. Salientamos assim, que não abordaremos neste trabalho a atuação da segunda missão enviada em 1914.

2. METODOLOGIA

Para este trabalho, foram analisados os relatórios enviados pelos professores rio-grandenses que participaram da viagem de 1913 às autoridades gaúchas, a saber: Dr. Firmino Paim Filho, Diretor Geral da Instrução Pública e Protásio Antônio Alves, Secretário dos Estados dos Negócios do Interior e Exterior.

Esse documento é composto por cinco partes independentes que foram assinadas pelos professores responsáveis pelas visitas realizadas em Montevideu e está anexado ao Relatório da Secretaria do Interior e do Exterior de 1914. É importante destacar que estamos trabalhando com o conjunto de relatórios e, por isso, no decorrer do texto o identificaremos como Relatório de Viagem.

Para a análise documental realizada consideramos que os documentos não mostram o passado vivo como se algo estivesse lá esperando para ser descoberto, ou ainda, como se esses documentos apresentassem textos que fossem “realidades mudas, as quais, por um trabalho de interpretação e análise, seriam despertados, revelando sentidos escondidos, palavras talvez nunca faladas” (FISCHER, 2002, p.43). Foi preciso, pois, compreendê-los como documentos repletos de “relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras. Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade” (LUCHESE, 2014, p. 5). Portanto, ao investigar a missão educacional e as impressões dos professores através dos documentos estaremos “tratando de uma das versões sobre os fatos, de uma das histórias possíveis, vista sobre determinado ponto de vista e a partir dos indícios que o passado nos apresenta” (FISCHER, 2002, p.8).

Nesse sentido, compreendemos as anotações e registros dos professores como uma versão, pois, “Viajar, além de comparar, também é refletir. [...] O que cada um observa e registra é resultado da maneira, do lugar e do momento situacional que se escolhe ver.” (CARDOSO, 2011, p. 28). Logo, o documento apresentado pelos comissionados não trata de “dizer o que houve”, mas sim de dizer “o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (CARDOSO, 2011, p.29). Logo, entendemos a fonte escrita como um registro produzido pelo autor a partir de suas impressões e do seu ponto de vista. Há de se considerar, ainda, o fato de que o “sujeito escreve para um determinado fim, a partir de efeitos que quer provocar” seja no sentido de afirmar, criticar ou negar o que foi observado (CARDOSO, 2011, p.86).

Considerando essas questões, a partir da leitura do Relatório de Viagem, organizamos as observações e impressões dos professores em quatro categorias: (i) elogios tecidos ao sistema uruguaio; (ii) similaridades entre os dois sistemas; (iii) críticas ao ensino uruguaio e (iv) aspectos que poderiam ser colocados em funcionamento no sistema educacional gaúcho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise documental, evidenciamos que os principais elogios feitos pela comissão de professores rio-grandenses ao sistema uruguaio foram relativos: (i) à infraestrutura dos prédios de 1º grau, adequada às exigências da higiene e da Pedagogia e, ainda, sobre os espaços físicos dos prédios (tamanho, localização, qualidade, pátios, as salas de aula, claridade etc.); (ii) à presença de cartazes com preceitos de civilidade e moral em todas as instituições visitadas, bem como ao enorme disciplinamento dos alunos, ao controle efetivo por parte das autoridades, à força e implantação de um nacionalismo acerbado de cunho cívico e patriótico: marchas de fundo militar, cantos patrióticos, hinos à bandeira, filas e obediência severa aos toques (sinetas) etc.; (iii) ao controle do conteúdo trabalhado em sala de aula através do uso do diário em que o professor deveria registrar as lições que seriam ministradas no dia seguinte; (iv) ao número máximo de 50 alunos nas classes do ensino primário e de 30 nas classes preparatórios para analfabetos; (vi) às características dos professores, tais como um “grande” espírito de observação, larga experiência e “muita” paciência e (viii) ao “preparo sólido” dos professores.

Quanto as similaridades entre os dois sistemas de ensino, foi salientado que tanto no estado gaúcho como no Uruguai, a elaboração do horário das classes primárias era feita pelos professores e submetida à aprovação dos diretores. E ainda, que o mobiliário escolar em ambos os casos, eram importados dos Estados Unidos da América. No que tange ao ensino, a comissão registrou que a leitura no 1º, 2º e 3º ano se desenvolvia no país vizinho da mesma forma que no Rio Grande do Sul, pois primeiro as crianças liam e comentavam para depois fazerem a leitura mecânica.

As críticas apresentadas ao sistema uruguaio designavam o estado gaúcho como mais qualificado em alguns aspectos. No ensino da aritmética foi destacado que no Uruguai não se ensinava as quatro operações simultaneamente, “o que tantos e bons resultados nos têm dado” (RELATÓRIO DE VIAGEM, 1914, p. 178) e que o ensino dessa matéria no 4º ano, no Uruguai, era muito vasto, dificultando a aprendizagem das crianças.

A comissão de professores indicou no decorrer do Relatório de Viagem alguns detalhes que poderiam ser colocados em funcionamento no sistema educacional gaúcho como, por exemplo, a importância de ter pessoas preparadas pedagogicamente para assumir as aulas da Escola Complementar, o que incidiria em uma melhor qualificação daqueles que almejavam o magistério e a “[...] conveniência de destinar o curso elementar, anexo à nossa Escola Complementar, exclusivamente a esse fim, isto é, ao aprendizado, ao preparo pedagógico prático dos nossos alunos-mestres. É sobretudo alli, nesse curso, que os futuros professores se hão de formar” (RELATÓRIO DE VIAGEM, 1914, p. 219).

4. CONCLUSÕES

A missão educacional enviada ao Uruguai em 1913 tinha como intuito geral acompanhar o modelo de ensino vigente naquele país. Para tanto, as autoridades do Rio Grande do Sul designaram para essa missão um grupo de professores que atuava na Escola Complementar. Assim, evidenciamos que as autoridades gaúchas não apenas contaram com um qualificado grupo de professores, como também com a presença do Diretor da Escola Complementar, no caso Alfredo Clemente Pinto.

A partir da leitura do Relatório organizamos as observações dos professores em quatro categorias: (i) elogios tecidos ao sistema uruguaio; (ii) similaridades entre

os dois sistemas; (iii) críticas ao ensino uruguaio e (iv) aspectos que poderiam ser colocados em funcionamento no sistema educacional gaúcho.

A análise dessas categorias evidenciou que por um lado houve, sob a perspectiva da comissão, certa idealização do modelo de ensino uruguaio em comparação ao modelo do Rio Grande do Sul como, por exemplo, nos aspectos referentes à infraestrutura, à disciplina, à preparação de formação de professores e didático-pedagógicos. E por outro lado, foram destacadas algumas vantagens do sistema gaúcho em relação ao país vizinho confirmando assim, que o Rio Grande do Sul vinha demonstrando avanços em seu sistema educacional já que o método de ensino utilizado para a leitura e para o ensino da aritmética eram mais qualificados.

Constatamos ainda, que os elogios tecidos à estrutura educacional uruguaia corroboravam a proposta defendida pelos dirigentes do Estado de progresso através da ordem e da educação, bem como reafirmavam a importância do caráter prático na formação dos professores.

Certamente, diversos dos aspectos descritos como “exemplares” pelo grupo de professores tenham trazido implicações para o campo da educação gaúcha, o que indica a importância da continuidade da pesquisa, pois ainda que em detalhes, as reorganizações propostas a partir de diferentes missões, experiências, são sempre importantes para compreender as diferentes relações que foram constituindo o sistema de ensino público, no caso deste trabalho, do Rio Grande do Sul.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Silmara de Fátima. **Viajar é inventar o futuro:** narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatórios de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2011.

CHAMON, Carla Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007. pp. 39-64.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos:** novos olhares na pesquisa com educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GONDRA, José. Apresentação. Dossiê Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. - **RBHE** – v. 10, n. 1 [22]. 2010

LUCHESI, Terciane. Modos de fazer história da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. História da Educação. Porto Alegre. v. 18, nº 43, maio/agosto 2014, p. 145-161.

RELATÓRIO de viagem apresentado ao Ex. Sr. Dr. Protasio Antonio Alves, Secretario de Estado dos Negocios do Interior e Exterior pelo Dr. Firmino Paim Filho, Diretor Geral em 30 de agosto de 1914. Porto Alegre: Off. Graphics da Casa de Correção, 1914.